

EDITORIAL

Ao longo de quase quarenta anos de existência (1974-2012), a revista *Arquivos do Museu de História Natural* da Universidade Federal de Minas Gerais passou por várias fases. Após um número inicial dedicado à zoologia (volume 1, ano 1974), em 1976 teve início uma série de publicações (volumes 2 a 19) com saída irregular que privilegiaram a arqueologia. Este fato refletia a introdução da arqueologia no Museu em 1976, dentro do projeto de instalação de um “Museu do Homem” na UFMG. Este ambicioso empreendimento não vingou, mas ficou dele um Setor de Arqueologia. Este tentou manter, nos decênios de 1980 e 1990, uma equipe que incluía jovens pesquisadores e estudantes de geomorfologia, botânica, zoologia, expressando o caráter eminentemente pluridisciplinar da arqueologia. Uma produtiva colaboração era mantida com os responsáveis dos setores de geomorfologia e de paleontologia do Museu, bem como com vários pesquisadores do Instituto de Geociências e de Ciências Biológicas da UFMG. Esta interdisciplinaridade é particularmente visível nos números dedicados a reconstituição do ambiente e da pré-história do sopé da Serra do Cipó (volumes 12 e 13) ou do vale do rio Peruaçu (volume 19). Mesmo assim, a predominância da orientação arqueológica refletia o retraimento da pesquisa nas áreas tradicionais da História Natural no Museu; este se dedicava essencialmente à extensão, enquanto as pesquisas em botânica, zoologia e ciências da terra eram realizadas essencialmente nas unidades situadas no campus da UFMG, sendo os resultados publicados em revistas especializadas.

Nos últimos anos, nota-se uma reativação da pesquisa no Museu, particularmente no campo da botânica, e a introdução de uma nova disciplina, ligada a cartografia. Esta se manifesta na publicação do volume 20 dos Arquivos (ano 2011), que contém as Atas do 3º Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, realizado em Ouro Preto e organizado pelo Centro de Referência em Cartografia Histórica do MHN e JB da UFMG. Nota-se que dois volumes dos Arquivos (nº 6/7 e 8/9) já tinham sido dedicados a publicar Atas de Congressos.

Até então, a revista não tinha regimento, nem Conselho Diretor, dependendo sua publicação exclusivamente do empenho pessoal de algum pesquisador, com o apoio eventual (e nem sempre conseguido) do Diretor do Museu. Na gestão do Diretor Fabrício Fernandino, foi eleito um Conselho Editorial que propôs normas editoriais e decidiu que a revista teria doravante dois fascículos anuais. Desta forma, a revista fica enfim institucionalizada e espera ganhar regularidade. Restava inaugurar a nova fórmula, reunindo artigos representantes da variedade de disciplinas que compõem a História Natural. Foi isto que fizemos com este primeiro fascículo do volume 21 (ano 2011).

O primeiro artigo, “Impacts of gall induction on the structure and physiology of *Caryocar brasiliense* Camb. (pequi) leaves” apresenta o resultado de uma pesquisa conjunta de uma agrônoma de Divinópolis com pesquisadores

das Universidades Federais de Uberlândia e de Minas Gerais. Traz informações inesperadas sobre a ação de galhas nas folhas do hospedeiro.

O segundo artigo, “Arqueologia Pré-Histórica da região de Diamantina (Minas Gerais): perspectivas e síntese das pesquisas” ilustra a permanência da área de arqueologia no Museu de História Natural da UFMG, onde os antigos Setores de Arqueologia Pré-Histórica e Histórica passaram a se chamar Centros Especializados de Arqueologia Pré-Histórica e de Arqueologia Histórica. O texto apresenta uma síntese das pesquisas realizadas de forma integrada na região de Diamantina pela UFMG e a *Mission Archéologique Française* de Minas Gerais. Escavações e levantamentos de registros gráficos rupestres permitem oferecer um primeiro panorama da pré-história regional ao longo de mais de 10.000 anos. Análises de tecnologia lítica, de vestígios alimentares e da sucessão de manifestações rupestres numa perspectiva de arqueologia da paisagem são contempladas neste artigo.

Os pesquisadores e estagiários do Centro de Conservação e Restauração (CECOR) da UFMG vieram apoiar o esforço dos arqueólogos em preservar e conhecer o patrimônio cultural, ao analisar e restaurar no Museu restos de vasilhas tupiguarani acidentalmente descoberto em 2010. O estudo de uma das peças, apresentado nestes Arquivos, traz informações novas sobre os procedimentos decorativos das antigas ceramistas indígenas, evidenciando a utilidade de se realizarem trabalhos integrados entre químicos e pré-historiadores.

O Programa Internacional Global Geoparks Network sob os auspícios da UNESCO, foi apresentado à comunidade científica em 1999. Destina-se a reconhecer, proteger e valorizar o patrimônio geológico de regiões excepcionais, sem impedir seu desenvolvimento econômico. O Centro de Referência em Patrimônio Geológico do MHNJB-UFMG está se empenhando em conseguir a aprovação pela UNESCO de um Geoparque na região do Quadrilátero Ferrífero. O artigo “Difusão da Geologia para valorização e conservação do patrimônio geológico do Geopark Quadrilátero Ferrífero - MG/Brasil” apresenta as ações que já vem sendo realizadas junto ao público nesta perspectiva.

A paleontologia tem muita visibilidade no Museu através da sua vistosa exposição, que inclui tanto réplicas quanto peças originais. Estas foram coletadas desde os anos 1930 por membros da Academia de Ciências de Minas Gerais, antes de serem cedidas a UFMG. Algumas peças foram coletadas no final do século XX, mas a coleção de paleontologia ficou muitos anos sem contar com um curador. O texto “O acervo de Paleontologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG” resulta do trabalho atualmente em curso para atualizar o registro das peças e identificar aquelas que ainda não foram reconhecidas. Este levantamento preliminar disponibiliza pela primeira vez informações gerais sobre a coleção de paleontologia do MHNJB-UFMG.

O estudo das grutas tem longa tradição no estudo de Minas Gerais, onde desde o início do século XIX o naturalista dinamarquês P. W. Lund desenvolveu estudos pioneiros de espeleologia, estudando a formação das cavidades calcárias e os restos fossilizados nelas encontrados. Nestes últimos anos, a necessidade de se avaliar o impacto ambiental dos empreendimentos de mineração levou a uma multiplicação dos estudos de fauna cavernícola atual. O texto “Metodologias diferenciadas aumentam a eficiência de inventários faunísticos em cavernas?”, proposto por pesquisadores da Universidade Federal de Lavras, debate as metodologias utilizadas por diversos pesquisadores, mostrando a validade de se adaptar os procedimentos às características de cada local de pesquisa.

O último artigo, “Caracterização preliminar de mamíferos não-voadores nas grutas Janelão e Brejal (PARNA Cavernas do Peruaçu), Minas Gerais, Brasil mostra a penetração de uma porcentagem razoável da mastofauna regional nos espaços cavernícolas. A pesquisa revela, no entanto, que o ambiente diferenciado das duas cavernas favorece a penetração de mamíferos específicos a cada uma delas.

Este fascículo dos *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG* fecha-se com a resenha, por um pesquisador do MHNJB, de um livro “Historias desaparecidas: arqueología, memoria y violencia política”, que evoca um dos capítulos mais sombrios da história moderna: a tentativa das ditaduras apagarem os vestígios dos corpos de oponentes executados. Poder-se-ia perguntar porque este tema histórico surge em uma revista de “História Natural”. De fato, a arqueologia mostra que no Homem não se pode separar de tudo o “natural” e o “cultural”. É “natural” o corpo supliciado abordado através das técnicas de arqueologia forense; inserem-se dentro de uma geografia (des)humana os locais de tortura e aprisionamento, que os presos tentam transformar em paisagem de sobrevivência.

Os vários temas abordados aqui nos parecem mostrar, desta forma, a atualidade da História Natural, que alguns pesquisadores julgavam há pouco uma noção ultrapassada, remanescente da ideologia dominante do século XIX. A ciência do século XXI é feita pelo Homem e para o Homem. Ele mesmo, filho da Natureza que ele tenta dobrar a sua vontade, com o risco da própria sobrevivência.

André Prous